

Os estados primitivos da mente em um caso de adoção gemelar

Lisiane Stornilo Peres¹
Renata Viola Vives²
Sara Fagundes³
Thabata Brando⁴
Vanessa Azeredo Gavioli⁵

Resumo: Apresenta-se, neste artigo, o caso clínico de dois irmãos gêmeos, Joaquim e Pedro, que manifestavam falhas precoces no desenvolvimento e na estruturação do ego relacionadas a traumas vividos intensamente. Os meninos chegaram para atendimento psicoterápico em razão do próprio processo de adoção, bem como devido às suas condutas agressivas e antissociais. Como referencial teórico, baseia-se a análise nas ideias de Winnicott sobre privação e delinquência, assim como a revisão da ideia de *arcaico* de Dorado de Lisondo, entre outros. Por meio do trabalho analítico, ficou evidenciado que os abusos vividos nos estágios iniciais da infância alteraram significativamente as percepções dos irmãos e sua capacidade de empatia em relação ao mundo, ambos necessitando imperiosamente reorganizar suas estruturas psíquicas através de um ambiente continente e seguro, para assim criarem um aparelho capaz de pensar os pensamentos, bem como sentir os sentimentos.

Palavras-chave: Adoção. Estados primitivos. Gêmeos.

1 Acadêmica em Psicologia UNIRITTER. Estagiária de Psicologia Clínica.

2 Psicóloga e Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

3 Acadêmica em Psicologia PUCRS. Estagiária de Psicologia Clínica.

4 Acadêmica em Psicologia PUCRS. Estagiária de Psicologia Clínica.

5 Acadêmica em Psicologia PUCRS. Estagiária de Psicologia Clínica.

Introdução

O presente trabalho versa sobre o início do tratamento de duas crianças gêmeas, adotadas, e o primitivismo de suas mentes frente a todas as suas vivências traumáticas, impossibilitando em ambas o desenvolvimento de um aparelho capaz de pensar os pensamentos e sentir os sentimentos.

Acerca dos estados primitivos da mente

A pulsão faz uma exigência ao psiquismo como um imperativo: a exigência de representação. Um imperativo econômico que exige a ordem simbólica para por em marcha a passagem ao qualitativo (Leguizámon, 2015). É nesse contexto que se inscreve o arcaico e que escapa a qualquer tipo de significado, um momento sem representação que só pode descarregar-se em ato e no corpo, sendo o ato uma forma de descarga por excesso.

Dorado de Lisondo (2008) afirma que, sem a criação do espaço mental, as funções mentais não podem desenvolver-se, pois sem a vida afetiva que irriga o pensamento, o indivíduo pode, sem consciência da própria existência, perpetuar uma deterioração mental.

Assim, os estados mentais primitivos transcendem as etapas cronológicas e constituem a estrutura da subjetividade. Eles fazem parte do mundo psíquico e podem estar encapsulados.

A autora aponta que, do ponto de vista tópico, os Estados Mentais Primitivos se caracterizam pela falta de representação, porque as marcas mnêmicas não alcançam o estatuto de representação palavra.

Do ponto de vista econômico, estamos no campo da ansiedade catastrófica no estado de não integração, que remete a uma experiência de total desamparo, (Bick, 1968; Meltzer 1975, citado por Dorado de Lisondo, 2008) ou no campo do *medo do colapso* (Winnicott, 1963, citado por Dorado de Lisondo, 2008), que revela as agonias primitivas como o retorno a um estado não integrado; um cair para sempre; a perda da capacidade do conluio psicossomático, a perda da capacidade de relacionar-se com objetos e a perda do senso do real.

O colapso significa o fracasso de uma organização de defesa. Nas psicoses, o que está em jogo é um colapso do estabelecimento do *self* unitário. Considerando que a dependência é um fato da vida, o ego não pode lutar contra o fracasso ambiental, isto é, estamos analisando uma inversão do processo de amadurecimento do sujeito, onde se torna necessário reformular os estágios iniciais do desenvolvimento e onde o ego acaba organizando defesas contra o

colapso da própria organização do ego (Winnicott, 1963).

Do ponto de vista dinâmico, Dorado de Lisondo (2008) aponta que estamos no campo da utilização maciça dos mecanismos de defesa: *splitting*, o isolamento para evitar a dor e as evasões externas. A autora entende, então, que os Estados Primitivos da Mente podem não ter tido a possibilidade de transformação, ou seja, não possibilitaram a criação de um aparelho para pensar os pensamentos e sentir os sentimentos, devido à catástrofe primordial.

Para Rotenberg (2014), as representações psíquicas são o suporte emocional, servem de modelo mental, dando conta de um registro prévio e têm uma função protetora do aparato psíquico e do indivíduo. Quando essas representações mentais falham porque o vivenciado tem que ver com a categoria do *impensável*, o aparelho fica mais exposto a situações traumáticas, fazendo com que os estímulos externos sejam sentidos como mais desorganizadores.

Lembremos que as representações mentais são, na primeira infância, uma função materna, que tem a ver com o ritmo e são antecipadoras dos perigos ao bebê, para permitir-lhe viver a onipotência infantil.

A mente é organizadora e organizada pelas percepções. O ego pode defensivamente alterar percepções, desmenti-las ou pode sucumbir a um estado de confusão quando se vê diante de uma angústia extrema (Rotenberg, 2014).

Sobre a história e sua compreensão

Pedro e Joaquim são irmãos gêmeos e foram adotados com 9 anos de idade. Logo após a adoção iniciaram psicoterapia.

Desde o nascimento até por volta dos quatro anos de idade viveram com a mãe biológica, usuária de álcool e outras drogas, promíscua, com conduta instável e sem condições de prestar cuidados adequados à criação dos meninos. Soro positiva, não possuía emprego fixo e trabalhava no prostíbulo da própria mãe.

Tentou abortar mas, ao saber que eram dois bebês, deseistiu, os meninos, mas não permaneceu com o pai biológico. Viviam em um ambiente pequeno e precário, com a avó dos meninos e um companheiro, a qual não tinha paciência com as crianças, chegando à agressão física e à negligência, quando deixava-os sozinhos durante suas saídas noturnas, motivos pelos quais foram feitas as denúncias ao conselho tutelar por parte de vizinhos. Os irmãos sofreram, ainda, abuso sexual por parte de um dos companheiros da mãe, e foram obrigados usar substâncias alcoólicas em várias ocasiões. Além disso, ficavam expostos, presenciando cenas sexuais de adultos.

Winnicott (1939) obteve relatos valiosos sobre o comportamento antissocial e a agressão de crianças nas grandes guerras. Nestes estudos, não deixou de enfatizar o mundo interior da criança e seu inconsciente, porém a notável importância de um ambiente seguro e estável durante a infância tornou-se um fator fundamental. Destacou que a separação das crianças pequenas de suas mães por um período de seis meses ou mais de tempo era uma das principais causas de delinquência e comportamento anti-social. Além da delinquência crônica, a ansiedade, a tendência para doenças físicas indefinidas e distúrbios moderados de comportamento também foram notados nestas crianças.

Observou-se também que uma criança de qualquer idade, uma vez separada de sua mãe e familiar, podia sentir-se triste ou perturbada, porém existiriam casos agravantes com crianças pequenas que corresponderiam a um blackout emocional, podendo então provocar um distúrbio grave de desenvolvimento da personalidade que, se estenderia por toda a vida, causando tristeza.

Pedro e Joaquim também não tiveram convivência com o pai biológico, que foi descrito como um sujeito simples, de pouco estudo, que vivia em condições precárias e que não quis assumir os filhos. O contato com o pai ocorreu apenas no nascimento, quando foi questionado se desejava a guarda dos meninos. Com o decorrer de diversas situações de negligência, maus tratos e privação psíquica, foram afastados de casa e passaram a viver em um Abrigo, onde sofreram novamente abuso sexual, provavelmente por um menino mais velho de 12 anos.

Para Alvarez (1994) o processo que permeia a aceitação da dor, do trauma, da perda e do abuso se dá de maneira complexa, nem sempre visível e não necessariamente pode ser verbalizado. Para ela, pacientes moderadamente traumatizados podem precisar lembrar do trauma para poder esquecer; já as crianças mais danificadas, mais traumatizadas devido a um trauma mais severo, podem precisar esquecer-lo para posteriormente serem capazes de lembrar.

Logo que foram afastados da mãe, ela faleceu. Como nenhum familiar teve interesse em ficar com os meninos, foram destinados à adoção.

Winnicott (1953) destaca a importância da história da criança anterior à adoção, reprovando os atrasos e adiamentos desse processo, afirmando que se os primeiros dias de vida dessa criança forem perturbadores e perturbados, haverá uma carga intensa sobre a mesma, carga da qual os pais adotivos precisam ser informados, pois os problemas aqui estão relacionados à privação sofrida, a um meio instável.

Quando chegaram para atendimento, foi relatado que ambos apresentavam comportamento agressivo, principalmente quando estavam juntos. A busca do

tratamento foi motivada por comportamento hostil e agressivo entre si e com as demais pessoas ao seu redor, particularmente com a mãe. Com pouco tempo de convívio com a mãe adotiva, que é solteira, as agressões com chutes, arranhões, mordidas e xingamentos passaram a ser constantes. Os irmãos são atendidos juntos por não aceitarem ser separados.

Braier (2000) ao tratar do complexo fraterno, afirma que o mesmo é muito mais que produto das cargas libidinais e agressivas do Édipo, constituindo uma especificidade ao nível, sobretudo narcísico, pressupondo relação estreita e intensa, com a presença do duplo, criando sua própria dinâmica: imortal, ideal, bissexual e especular.

Houve indicação de alta frequência, quatro sessões semanais, com o objetivo de buscar conter as angústias primitivas das crianças, bem como da mãe, em razão do total sentimento de desamparo vivido por ela frente à conduta de Joaquim e Pedro.

Segundo Rotenberg (2014) no que se refere à maternidade e paternidade devemos ressaltar que o vínculo sanguíneo não é garantia do estabelecimento dessas relações. A subjetividade é uma construção, necessitando de um espaço onde haja um capaz de conter e transformar as angústias sem nome.

As histórias prévias da criança adotada, nas palavras de Rotenberg (2014), tem marcos mudos, por que não houve representação palavra, manifestando-se nos sintomas.

Essas experiências geram sensações de encontro e desencontro, algumas crianças podendo apresentar “dores mentais inenarráveis” (p. 71), e esse estado da mente dificulta a aceitação de experiências novas positivas, fazendo com que essas crianças rechacem, muitas vezes, todo bom que poderiam vivenciar. Estes estados se manifestam em condutas antissociais, com desconfiança em relação ao meio, e geralmente esses indivíduos mostram-se mais angustiados e com sentimentos de culpa por ideias de autorreferência.

Dessa forma, as experiências vividas por crianças antes da adoção necessitam uma inscrição e “validação representacional” (p. 71) para serem compartilhadas com os pais adotivos e para sentirem-se incluídos.

A criança precisa ter transformado o terror sem nome, originado pela falta de olhar, ou por ser olhado como alguém para ser descartado, abandonado.

Nas palavras de Winnicott (1953): “Vocês podem abordar de muitas maneiras, mas sempre haverá o fato de que os pais que a conceberam são desconhecidos e inatingíveis, e que seu relacionamento real com os pais adotivos não pode atingir níveis extremamente primitivos da sua capacidade de relacionar-se” (p. 116).

Primeira sessão

Chegaram bem vestidos, acompanhados da mãe; chamou a atenção os machucados que Joaquim apresentava no rosto, feridas de vários aranhões. A mãe apresentava hematomas no braço e pernas, bem como sua aparência cansada. Isso gerou na terapeuta um sentimento de tristeza e desesperança em relação àquele grupo familiar.

Quando convidados para entrar na sala, recusaram-se intensamente. Depois de alguns minutos de tentativa, acabaram aceitando entrar acompanhados da mãe. Já na sessão, entretanto, tentavam a todo o momento sair da sala e não aceitaram aproximar-se nem explorar nenhum tipo de jogo do ambiente.

Movimentavam-se o tempo todo pela sala, agredindo um ao outro com chutes e pontapés, falando palavrões, usando expressões próprias fora de entendimento das outras pessoas que estavam ali e passaram a agredir a mãe com chutes. Repentinamente pararam a agressão e começaram a rir, falando uma língua própria, deixando a terapeuta excluída. Logo a seguir, voltaram a se agredir fisicamente e mais uma vez pararam repentinamente e voltaram a falar palavras de um vocabulário próprio.

Szejer (2016) aponta que os gêmeos costumam reviver em suas brincadeiras, em suas trocas verbais, experiências pré-natais, “os gêmeos estão inicialmente em diálogo, eles têm de certo modo um tempo prévio, eles estão em uma relação que começou antes do nascimento e que permanece prioritária. Aliás, não é raro que eles inventem, mais tarde, uma língua para eles, incompreensível para a mãe” (p. 21).

Por vezes também estabelecem relações de dominante e dominado, criando uma relação extremamente conflituosa, virando adversários. Na adolescência, muitas vezes o dominado se revolta contra o dominante e tenta sair dessa relação, afastando-se.

A tensão do ambiente e a impossibilidade de contenção das angústias fizeram a analista sugerir uma brincadeira de bola, dando início a um jogo de futebol. Os meninos conseguiram jogar por muito pouco tempo, questão de minutos. Joaquim foi ficando muito frustrado e furioso com seu desempenho, transgredindo todo o tempo as regras que haviam combinado. A baixa estima de Joaquim em relação às conquistas de Pedro mostrou-se evidente.

Com o término do jogo, os irmãos se desorganizaram novamente: ficaram olhando ao redor, parecendo perdidos, correndo sem rumo pela sala. Pediram água, escalaram as grades da janela, gerando na analista um sentimento

contratransferencial de confusão e um temor de que ambos pudessem machucar-se. Quando a analista tentou retomar com os meninos algum diálogo, ambos choraram, gritaram e atacaram a mesma com palavrões, além de chutes e ameaças de socos. O sentimento no momento foi de inconstância, como uma bomba relógio, imprevisível, que poderia explodir em qualquer instante.

Próximo ao término do horário, ambos começaram a chorar e a gritar, e Joaquim ameaçou bater com socos o rosto da analista. Passou então a chutar a parede, batendo e tentando derrubar o quadro e assim incentivando o irmão a fazer o mesmo.

Joaquim e Pedro atraem um ao outro, tornam-se cúmplices, criam um vínculo que os torna inseparáveis, são “siameses psíquicos” (Braier, 2000, p. 161).

A alternativa de separá-los ocorreu à analista, porém a possível separação levaria a revivência do desamparo inicial e a uma grande ameaça de desorganização do ego. Por outro lado, juntos eram mais fortes, tornavam-se um. Buscavam ser e com isso sustentar a onipotência, ambos tentando compensar suas falhas e dificuldades através de uma organização narcísica. Ambos tomaram um ao outro como um duplo onipotente e protetor, capaz de desmentir a ferida narcísica.

Ainda na saída da sessão, Pedro pediu para ir ao banheiro e para ser acompanhado pela analista e ali, momentaneamente, estabeleceu um pequeno diálogo, falando sobre ter caído na pracinha do condomínio onde passaram a morar. Longe do irmão parecia mais calmo e organizado. O comportamento de Pedro mudou completamente, assim como seu semblante, que ficou tranquilo e reflexivo.

Devemos lembrar que, desde o ponto de vista da criança adotada, temos a existência de uma história prévia com vínculos anteriores, com a necessidade de fazer um luto por pessoas que estão vivas e que continuam sua história em outro lugar; poder significar não ter sido um filho desejado, bem como continuar uma nova história de confiança frente aos maus tratos (Rotenberg, 2014).

Quanto maior o desinvestimento e os maus tratos prévios, maior será o medo de confiar e voltar a decepcionar-se. Quando a resposta do mundo externo repete as vivências de separação, por exemplo, quando há longas institucionalizações, o mundo se apresenta como hostil e dele se aprende a desconfiar (Rotenberg, 2014). Se isso se dá no início da vida, a criança tem um ego incipiente que não pode dar conta da confusão e intrusão, criando uma desesperança em receber uma resposta adequada, podendo transformar a agressividade em pura quantidade sem palavra.

Se isso se dá no início da vida, a criança tem um ego incipiente que não pode dar conta da confusão e intrusão, criando uma desesperança em receber uma

resposta adequada, podendo transformar a agressividade em pura quantidade sem palavra.

Nesse primeiro momento, revelou-se a intensidade dos traumas vividos precocemente, com a repetição das condutas agressivas, repetição ativa do que foi vivido passivamente. O sentimento contratransferencial de desesperança revela o mundo assombroso e caótico, mundo interno do terror sem nome dessas crianças. Ao mesmo tempo, um pequeno diálogo acendeu a possibilidade de imaginar-se a criação de um aparelho psíquico capaz de metabolizar essas angústias primitivas. À medida que a função parental vai se desenvolvendo, o ego vai se constituindo, vai se integrando, podendo a criança ir contendo suas pulsões parciais (Rotenberg, 2014).

Segunda sessão

Apesar da apreensão da analista, chegaram visivelmente mais calmos do que na sessão anterior, comentando sobre um jogo de computador. Aceitaram entrar na sala com a mesma, interessando-se por um jogo e neste momento se estabeleceu um pequeno diálogo entre os três. Logo em seguida os dois meninos começaram a se agredir, aparentemente sem razão. Jogaram carrinhos um no outro. A analista fez uma intervenção apontando quão assustador e hostil poderia parecer esse novo ambiente, os dois se acalmaram e voltaram a jogar um jogo. Perguntaram se podiam trazer um jogo no *tablet* para a sessão seguinte. Em alguns momentos faziam combinações e falavam entre eles numa cumplicidade inquietante, deixando a analista totalmente de fora, como se não existisse. Em alguns momentos Joaquim parecia influenciar e dominar Pedro.

Na sessão seguinte, chegaram e dirigiram-se para a sala. Iniciaram um jogo, calmos e concentrados. Novamente a possibilidade de perder deixou Joaquim extremamente irritado. Quando a analista ganhou o jogo, ambos ficaram desorganizados, levando muito tempo para se acalmarem.

Na quarta sessão Pedro chegou e logo escolheu os carrinhos para brincar. Joaquim começou a falar de um homem correndo atrás de fantasmas, de figuras com capas pretas, assustadoras. Ambos mostravam-se calmos. As feridas no rosto de Joaquim começavam a cicatrizar. Porém, logo em seguida, se desentenderam, brigaram com chutes e pontapés, gritaram. Joaquim começou a falar mal da mãe, pediu para vê-La e ao encontrar-se com a mesma começou a verbalizar uma série de palavrões, chamando-a de puta, dizendo que ela *tinha dado a buceta para um homem na rua*, ao mesmo tempo caiu num choro misturado com risos. A questão do domínio de um sobre o outro foi se modificando e Pedro foi aparecendo mais

como dominador e subjogando o irmão. Havia uma intensa competição entre eles.

Alvarez (1994) afirma:

O que o abuso significou e continua significando para ela pode ser muito diferente do que seu significado para nós. Ela pode, por exemplo, estar tão embotada emocional e cognitivamente que nada mais tem qualquer significado. Ou pode ter sido corrompida e ter se tornado fascinada pelo abuso ou ter se tornado, ela própria alguém que abusa (p. 162).

Evidencia-se a confusão mental em Joaquim, entre a mãe biológica e a mãe adotiva, receptora de toda ira e ataque do menino. A repetição evidencia novamente o trauma vivido, em seus aspectos mais primitivos.

Na quinta sessão, chegaram muito contrariados, mas resolveram desenhar. Os dois fizeram desenhos rápidos. Joaquim desenha com a analista, sendo que todo o desenho é preto, inclusive o rosto da mesma, o que ela associou com os fantasmas perseguidores. Pedro desenhou um rato azul, rasgando o papel. No rato azul aparecia o desenho de um pênis. Joaquim acabou mencionado uma frase: *quando eu termino um jogo eu choro*. Quando foram comunicados sobre o fim do horário, Joaquim ficou muito bravo, saindo da sala encontrou a mãe e a agrediu com chutes. Pedro ficou em silêncio.

Na sexta sessão chegaram ouvindo no tablet uma música com a seguinte letra: *eu dormi com mais de meia dúzia, eu sei que eu não sou suja, foi você que causou isso em mim* fazendo gestos obscenos, com muita risada e pareciam querer impactar a analista.

Como ressalta Alvarez (1994), o terapeuta, com crianças que sofreram abuso, possui um trabalho um pouco diferente, pois muitas vezes essas crianças mostram aos terapeutas que estes possuem pouca coisa para ensinar-lhes em relação à maldade humana, devendo o trabalho ser constante e contínuo, no sentido de criar um ambiente em que seja possível confiar, lembrando que para pensar sobre as experiências vividas, é preciso possuir um grau de desenvolvimento mental, ou seja, a criança precisa ter um senso de eu e outro para então conseguir pensar que aquilo que o outro lhe proferiu não deveria ter ocorrido.

A criança que sofre abuso precisa ser contida por alguém que suporte mais do que ela aquilo que lhe ocorreu, que consiga conter suas angústias e as sensações que não consegue nomear. O que pode demorar muito tempo até que a criança consiga tornar o trauma menos esmagador (Alvarez, 1994).

Considerações finais

O presente artigo é um recorte do trabalho iniciado com Joaquim e Pedro frente a suas intensas dificuldades. Trabalho árduo e intenso que começou a ser desenvolvido pela terapeuta e acompanhado e discutido num Grupo de Estudos e Supervisão sobre Adoção e que foi evidenciando primitivismo psíquico desses dois meninos frente a toda história abusiva, traumática e abandonante que tiveram. Primitivismo de aparelhos mentais incapazes de pensar e metabolizar os afetos. Apesar disso, por breves momentos, mesmo num curto tempo de atendimento, começou-se a pensar na capacidade dessas crianças de fazerem ligações e vínculos, transformando as puras intensidades em algo de qualidade, através da continência do ambiente e da capacidade empática da terapeuta. Reconheceu-se o longo caminho ainda a ser percorrido, caminhando com essas crianças na beira do abismo em que se encontram.

Primitives states of mind in a twins adoption case

Abstract: Duo to early failures in the development and structuring of the ego, related to intensely experienced traumas, we present a clinical case of twins brothers: Joaquin e Pedro. The twins arrived for psychotherapeutic care because of their own adoption process, as well as their aggressive and anti-social behaviors. The theoretical reference is based on the analysis of Winnicott's ideas about deprivation and delinquency, also using the idea of Dorado Lisondo, and others. Through analytical effort it was evidenced that the abuses experienced in the early stages of childhood have significantly altered the brothers perception and their empathy for the world, both strongly need to reorganize their psychic structures through strict and safe environment, that way creating psychic apparatus capable of thinking the thoughts as well as feeling the feelings.

Keywords: Primitive states. Twins adoption.

Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braier, E. (Ed.). (2000). *Gemelos: narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Paidós.
- Dorado de Lisondo, A. B. (2008). Desafios da psicanálise ante as novas patologias: vazio mental e estados autísticos. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 8 (1), 37-77.
- Leguizámon, S. E. (2015). El trabajo sobre lo arcaico. La “historia oficial del trauma” como riesgo. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de*

Porto Alegre, 17 (2), 136-153.

Rotenberg, E. (2014). *Adopciones: cambios y complejidades, nuevos aportes*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Szejer, M. (2016). *Se os bebês falassem*. São Paulo: Intituto Langage.

Winnicott, D. W. (1939). Carta ao British Medical Journal. In: _____. *Privação e delinquência*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Winnicott, D. W. (1953). Duas crianças adotadas. In: Shepherd, R. D. W. *Winnicott: pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Winnicott, C. (1963). O medo do colapso. In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 16/03/2017

Aprovado em: 20/04/2017

Lisiane Stornilo Peres
Rua Coronel Massot, 214 / 702
91910-530 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: lisi.storniolo@gmail.com

Renata Viola Vives
Rua José Gomes, 393
91900-121 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: renatavives@gmail.com

Sara Fagundes
Rua General Rondon, 1256 / 5
91900-121 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: sarafagundes@terra.com.br

Thabata Brando
Rua Conde D'eu, 8 / 701
99635-091 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: thabata.brando@gmail.com

Vanessa Azeredo Gavioli
Rua Juca Batista, 8000 / 175
91781-200 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: vanessagavioli@outlook.com